

As reflexões do consultor e agente de desenvolvimento territorial sobre a desejada mudança do modelo de desenvolvimento

Territórios atrativos: para que o imprevisível aconteça!

José Carlos Albino

A situação difícil que Portugal tem atravessado durante os últimos anos teve a particularidade de trazer para o centro do debate público a preocupação em discutir a necessidade de mudança de modelo de desenvolvimento.

Infelizmente, esse mesmo debate parece deter-se demasiado em visões superficiais de sustentabilidade, centrando-se nos domínios financeiro e da economia dos números. Dicotomias austeridade vs. crescimento são manifestamente insuficientes para produzir uma reflexão mobilizadora e geradora de mudança. Afastados continuam temas e conceitos como território e cidadania, relegando o país como um todo, para um papel de observador distante. Exemplo disso é o debate político pré-eleitoral centrado exclusivamente no confronto entre cenários macroeconómicos.

Os territórios compreendem a dimensão concreta da ação humana, individual e coletiva, a economia real. É nestes que se desenrolam os processos de atuação de pessoas, famílias, empresas, sociedade civil organizada e agentes políticos.

Continuar a negar o papel central do território no debate político não contribui para os necessários e urgentes processos de mudança. Resumir as diferenças territoriais, que fazem com que, hoje, Portugal seja uma soma ineficaz de dois países, em si mesmos desequilibrados (Portugal do litoral e Portugal da baixa densidade), à classificação de áreas de baixa densidade para efeitos de aplicação de recursos financeiros dos fundos estruturais, é manifestamente pouco.

Mas não é apenas no debate político que o território tem que ganhar dimensão. Os *media*, em função do seu papel informativo e formativo, podem e devem ser capazes de assumir uma nova perspetiva sobre a realidade, construída a partir do(s) território(s), atendendo à diversidade de problemas, desafios e de oportunidades que este representa.

É fundamental olhar e ver para lá das folhas de Excel, relacionar e observar de forma analítica as dinâmicas territoriais, quer estas se vivam num bairro suburbano marcado pela imagem negativa da criminalidade, ou numa qualquer aldeia em que apenas nos fixamos no rótulo do despovoamento e do envelhecimento.

No encerramento da edição de ar-

ranque das Conferências de Aljustrel, em abril de 2014, João Ferrão, sublinhava que a resposta ao desafio que o país atravessa passa por “criar condições para que o imprevisível aconteça” sendo esta “uma questão fundamental para podermos sair daquilo que é a situação de hoje, não apenas da crise, mas de um modelo que deu os seus resultados e que percebemos que, hoje, está esgotado e para o qual não podemos regressar.”

Este imprevisível não é mais do que um novo futuro coletivo, assente em valores como a qualidade de vida, a inclusão e a coesão social, económica e territorial, que todos ambicionamos na teoria, mas que precisamos construir na prática.

Para que o imprevisível aconteça, todos somos interpelados para assumir uma nova atitude. A olhar e a agir de forma a tirar o devido partido do que já temos para construir o futuro que ambicionamos.

Em 2015, as Conferências de Aljustrel continuaram a percorrer esse caminho, de mobilizar bons exemplos, de mapear o que já se faz, e de promover uma reflexão partilhada e aberta. A memória como fator de identidade e a diáspora enquanto dinâmica de oportunidade foram o mote para a discussão. A partir de exemplos e experiências concretas e da partilha de resultados de investigação, promoveu-se um debate que se quis programático e focado na ação.

Ação que, valorizando o território com coesão, nos conduza a “um só Portugal com futuro”!